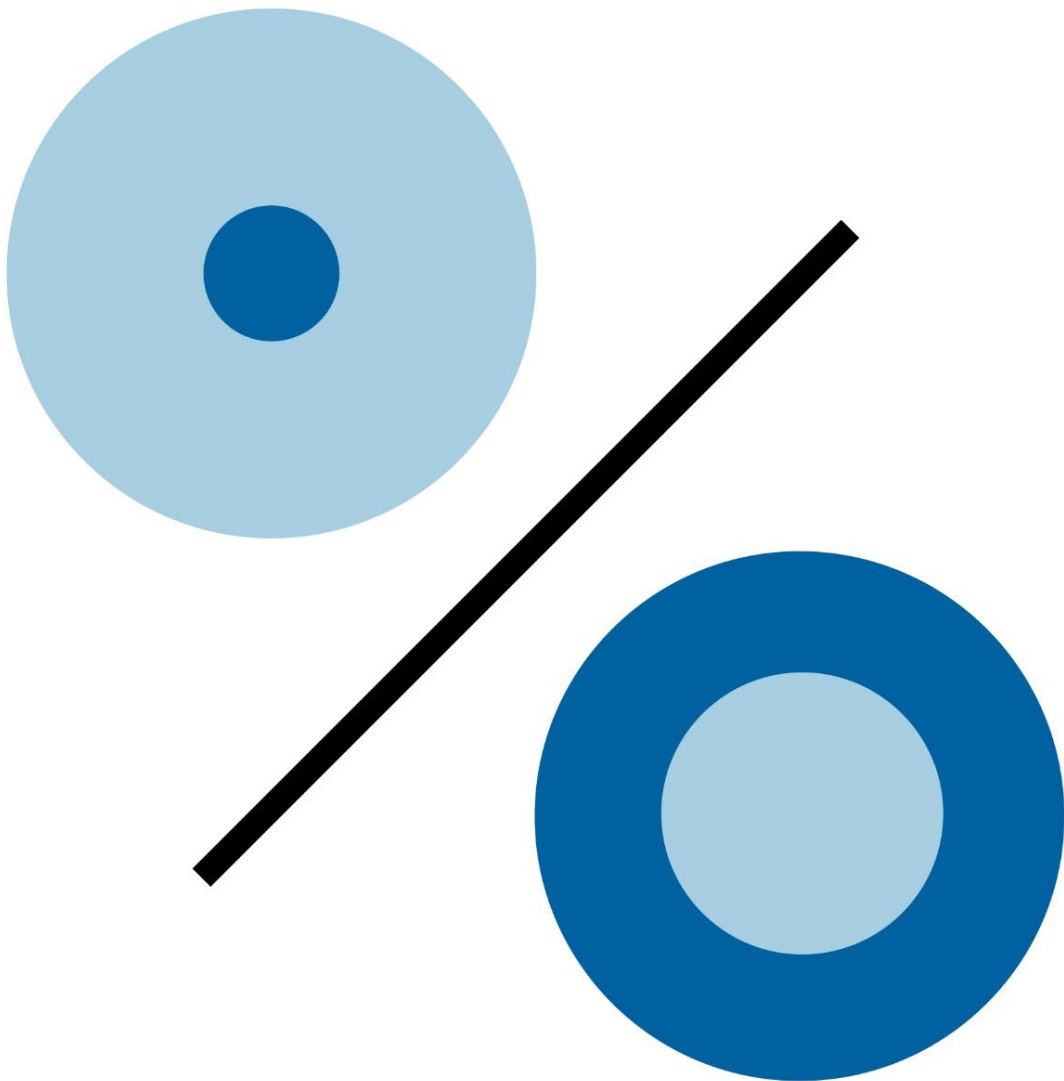


Sondagem  
**ICS / ISCTE**

Março 2025



# ÍNDICE

1. Ficha técnica.....	2
2. Avaliação do desempenho do governo .....	3
3. Conhecimento do caso da empresa familiar de Luís Montenegro.....	3
4. Avaliação dos esclarecimentos prestados por Luís Montenegro .....	3
5. Avaliação de Luís Montenegro no rescaldo deste caso.....	3
6. Responsabilidade pela atual crise política .....	5
7. Eleições antecipadas evitáveis ou inevitáveis?.....	6
8. Montenegro faz bem em apresentar-se às eleições como líder da AD? .....	7
9. Opinião sobre os possíveis resultados das legislativas antecipadas .....	7
10. Avaliação da atuação do Presidente da República .....	7
11. Intenção direta de voto em eleições legislativas .....	8
12. Intenção direta de voto por comportamento de voto declarado em 2024...	9

## 1. Ficha técnica

Este relatório baseia-se numa sondagem telefónica cujo trabalho de campo decorreu entre os dias 12 e 17 de março de 2025. Foi coordenada por uma equipa do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS-ULisboa) e do Iscte - Instituto Universitário de Lisboa (Iscte-IUL), tendo o trabalho de campo sido realizado pela GfK Metris. O universo da sondagem é constituído pelos indivíduos com idade igual ou superior a 18 anos e capacidade eleitoral ativa, residentes em Portugal. Os números fixos, cerca de 33% do total, foram extraídos aleatoriamente, proporcionalmente à distribuição por prefixos no território. Os números móveis, cerca de 66% do total, foram extraídos aleatoriamente, proporcionalmente à distribuição por operadoras. Os respondentes foram selecionados através do método de quotas, com base numa matriz que cruza as variáveis Sexo, Idade (3 grupos), Instrução (3 grupos) e Região (9 Regiões NUTS II 2024).

A informação foi recolhida através de entrevista telefónica, pelo sistema CATI (*Computer Assisted Telephone Interviewing*). Foram contactados 5397 números de telefone elegíveis (correspondentes a indivíduos pertencentes ao universo) e obtidas 802 entrevistas válidas (taxa de resposta de 15%, taxa de cooperação de 22%). O trabalho de campo foi realizado por 31 entrevistadores, que receberam formação adequada às especificidades do estudo.

Todos os resultados foram sujeitos a ponderação por pós-estratificação de acordo com a frequência de prática religiosa e a pertença a sindicatos ou associações profissionais dos cidadãos portugueses com 18 ou mais anos residentes em Portugal, a partir dos dados da vaga mais recente do *European Social Survey* (Ronda 11). A margem de erro máxima associada a uma amostra aleatória simples de 802 inquiridos é de +/- 3,5%, com um nível de confiança de 95%.

Nas páginas seguintes, **todas as percentagens são arredondadas à unidade, podendo a sua soma ser diferente de 100%**. Para mais informações sobre a metodologia destas sondagens, consultar o nosso [site](#).

## 2. Avaliação do desempenho do governo

Perguntou-se aos inquiridos “Pensando no desempenho geral do atual governo, como o avaliaria? Diria que o governo está a fazer um trabalho muito bom, bom, mau ou muito mau?” A distribuição das respostas foi a seguinte:

- Muito bom: 4%.
- Bom: 43%.
- Mau: 27%.
- Muito mau: 16%.
- Não sabe/Não responde: 10%.

O desempenho do atual governo é avaliado de forma positiva (“muito bom” + “bom”) por 47% dos inquiridos. Trata-se de um valor apenas ligeiramente mais alto do que o relativo aos que exprimem uma avaliação negativa (“mau” + “muito mau”): 43%.

## 3. Conhecimento do caso da empresa familiar de Luís Montenegro

Quando se lhes perguntou “Leu ou ouviu falar sobre a controvérsia em torno da empresa familiar do primeiro-ministro Luís Montenegro?”,

- 90% dos inquiridos responderam “Sim”.
- 9% responderam “Não”.
- 1% disse não saber ou recusou responder.

## 4. Avaliação dos esclarecimentos prestados por Luís Montenegro

Perguntámos a quem disse ter ouvido falar ou lido a respeito deste caso se considerava que os esclarecimentos prestados pelo primeiro-ministro tinham sido suficientes ou se achava que tinham ficado coisas por esclarecer.

- 23% escolheram a opção “Luís Montenegro prestou todos os esclarecimentos necessários”.
- 64% escolheram a opção “Ficaram coisas por esclarecer”.
- 13% disseram não saber ou recusaram responder.

## 5. Avaliação de Luís Montenegro no rescaldo deste caso

Fez-se também apenas aos inquiridos que disseram ter lido ou ouvido falar do caso a seguinte pergunta: “Em consequência desta controvérsia e dos acontecimentos que se seguiram, diria que a sua opinião a respeito de Luís Montenegro melhorou, ficou na mesma ou piorou?”. A distribuição das respostas foi a seguinte:

- 5% disseram que melhorou.
- 52% disseram que ficou na mesma.
- 39% disseram que piorou.
- 4% disseram não saber ou recusaram responder.

Várias dimensões sociopolíticas surgem associadas a diferentes propensões para reportar uma degradação da opinião sobre Luís Montenegro em consequência deste caso. Em primeiro lugar, esta posição é mais comum entre os homens (43%) do que entre as mulheres (35%). Quanto à idade, 51% dos jovens (18-24 anos) afirmam que a sua opinião sobre o primeiro-ministro piorou, sendo este um valor significativamente mais elevado que o relativo à faixa etária 45-64 anos. A instrução também é relevante, dado que os inquiridos com o ensino secundário ou superior tendem mais a partilhar esta opinião (44% e 45%, respetivamente) do que os menos instruídos (34%). Seis em cada dez inquiridos que na última eleição legislativa, em 2024, votaram no PS afirmam que a sua opinião sobre Luís Montenegro piorou, sendo este valor significativamente mais alto que o identificado junto dos eleitores da AD (20%) e dos abstencionistas (21%). Por fim, esta posição é maioritária junto de quem se define como de esquerda (56%), significativamente menos expressiva entre os inquiridos de centro (41%), e ainda mais rara junto de quem se posiciona à direita (28%). Não se observam diferenças de acordo com o rendimento.

		Percentagem que respondeu "Piorou"
<b>Sexo</b>	Mulheres	35
	Homens	43
<b>Idade</b>	18-24 anos	51
	25-44 anos	38
	45-64 anos	37
	65 ou mais anos	40
<b>Instrução</b>	Até ao 3.º ciclo	34
	Secundário	44
	Superior	45
<b>Perceção do rendimento</b>	Confortável/Dá para viver	40
	Difícil/Muito difícil viver	38
<b>Voto em 2024</b>	Não votou	21
	AD	20
	PS	59
	Chega	49
<b>Posição Ideológica</b>	Esquerda	56
	Centro	41
	Direita	28

## 6. Responsabilidade pela atual crise política

Perguntou-se ainda aos inquiridos: “Na sua opinião, a responsabilidade pela atual crise política é mais do governo ou mais de alguns partidos da oposição?”. As respostas foram as seguintes:

- Mais do governo: 37%
- Mais de alguns partidos da oposição: 37%
- De ambos: 19%
- De nenhum: 1%
- Não sabe/Recusa: 6%

A opinião de que o governo é mais responsável pela atual crise política foi partilhada mais frequentemente pelos jovens adultos (25-44 anos) do que pelos mais velhos. O voto em 2024 volta a ser relevante: se apenas 14% dos que disseram ter votado na AD em 2024 exprimiram a opinião de que a culpa da crise política é “mais do governo”, este valor duplica entre quem se absteve naquelas legislativas (29%), e atinge valores ainda mais elevados junto dos que declaram ter votado no PS (57%) e no Chega (65%). Por fim, enquanto 60% dos inquiridos que se posicionam à esquerda atribuem maior responsabilidade ao governo, só 27% dos que dizem ser de direita o fazem. No caso dos que se posicionam ao centro, a proporção é idêntica ao valor identificado para a totalidade da amostra: 38%.

	Percentagem que respondeu “Mais do governo”
<b>Sexo</b>	
Mulheres	35
Homens	39
<b>Idade</b>	
18-24 anos	42
25-44 anos	45
45-64 anos	33
65 ou mais anos	33
<b>Instrução</b>	
Até ao 3.º ciclo	34
Secundário	41
Superior	40
<b>Perceção do rendimento</b>	
Confortável/Dá para viver	37
Difícil/Muito difícil viver	38
<b>Voto em 2024</b>	
Não votou	29
AD	14
PS	57
Chega	65
<b>Posição Ideológica</b>	
Esquerda	60
Centro	38
Direita	27

## 7. Eleições antecipadas evitáveis ou inevitáveis?

Relativamente a haver eleições legislativas antecipadas:

- 18% disseram que era inevitável.
- 77% afirmaram que podia ter sido evitado.
- 4% disseram não saber ou recusaram responder.

As principais diferenças entre grupos sociopolíticos dizem respeito à idade, com os mais jovens (18-24 anos) menos propensos a considerar que as eleições podiam ter sido evitadas que os inquiridos pertencentes às duas faixas etárias mais altas, e ao comportamento eleitoral em 2024, com os votantes das duas forças políticas “do centrão” a exprimir esta opinião mais frequentemente do que quem se absteve.

	Percentagem que respondeu “podia ter sido evitado”
<b>Sexo</b>	
Mulheres	79
Homens	75
<b>Idade</b>	
18-24 anos	63
25-44 anos	73
45-64 anos	81
65 ou mais anos	80
<b>Instrução</b>	
Até ao 3.º ciclo	80
Secundário	73
Superior	77
<b>Perceção do rendimento</b>	
Confortável/Dá para viver	80
Difícil/Muito difícil viver	75
<b>Voto em 2024</b>	
Não votou	68
AD	83
PS	83
Chega	73
<b>Posição Ideológica</b>	
Esquerda	79
Centro	79
Direita	77

## 8. Montenegro faz bem em apresentar-se às eleições como líder da AD?

Relativamente à questão “Acha que Luís Montenegro faz bem ou faz mal em apresentar-se às eleições legislativas antecipadas como líder da AD?”,

- 45% consideram que faz bem.
- 46% consideram que faz mal.
- 9% disseram não saber ou recusaram responder.

## 9. Opinião sobre os possíveis resultados das legislativas antecipadas

Os inquiridos foram também convidados a partilhar a sua opinião sobre quem acham que vai ganhar as eleições legislativas antecipadas. As respostas foram as seguintes:

- PSD/AD: 33%
- PS: 19%
- Outro partido: 8%
- Não sabe/Recusa: 41%

Merece destaque o facto de a resposta mais frequente a esta pergunta ter sido “não sei/recuso responder”, opção a que recorreram 4 em cada 10 inquiridos.

Quanto à possibilidade de quem ganhar estas eleições conseguir maioria absoluta:

- 14% disseram achar que o vencedor vai ter maioria absoluta.
- 77% disseram achar que não vai conseguir.
- 9% disseram não saber ou recusaram responder.

## 10. Avaliação da atuação do Presidente da República

À pergunta “Como avalia o modo como Marcelo Rebelo de Sousa tem agido no contexto da atual crise política?”, os inquiridos responderam da seguinte maneira:

- Muito bem: 2%
- Bem: 18%
- Nem bem nem mal 43%
- Mal: 22%
- Muito mal: 9%
- Não sabe/Recusa: 5%

Relativamente à atuação do Presidente da República neste contexto, 20% expressaram uma avaliação positiva (“muito bem” + “bem”), enquanto as avaliações negativas (“muito mal” + “mal”) foram reportadas por 31% dos inquiridos. Ainda assim, a resposta mais frequente – escolhida por 43% dos inquiridos – foi “nem bem nem mal”.



## 11. Intenção direta de voto em eleições legislativas

As questões sobre “intenção de voto” obrigam os inquiridos a declarar uma intenção comportamental perante um evento futuro. **Estes valores não devem ser vistos como tendo valor preditivo em relação ao que possa vir a ser o comportamento dos eleitores nas eleições de 18 de maio, comportamento esse que, por definição, só pode ser medido com validade após ter ocorrido (como sucede nas sondagens “à boca das urnas”).** Nesta sondagem, 39% dos inquiridos afirmam não saber como irão votar ou recusam responder, um valor extremamente elevado, mesmo tendo em conta que este inquérito foi aplicado telefonicamente e não com recurso à habitual simulação de voto em urna. Outros 8% são inquiridos que afirmam desde já que não tencionam votar nas próximas eleições. Nesta tabela, são apenas destacados os partidos com uma intenção direta de voto igual ou superior a 1%, após arredondamento. Para além dos partidos listados na tabela, houve também inquiridos que declararam intenções de voto, em valores inferiores, no PAN.

Opções de resposta	Percentagem da amostra*
AD	20%
PS	15%
Chega	9%
IL	4%
CDU	1%
Livre	1%
BE	1%
Outros	1%
Branco/Nulo	2%
Não sabe/Não responde	39%
Não votará	8%

\*Devido a arredondamentos à unidade, a soma das percentagens pode ser diferente de 100%

## 12. Intenção direta de voto por comportamento de voto declarado em 2024

Ao olharmos para os votantes nos três maiores partidos em 2024, verificamos que os padrões no que diz respeito às intenções de voto em 2025 são similares nos três grupos: uma maioria (60% a 65%) afirma que irá votar no mesmo partido em que votou nas legislativas anteriores, enquanto aproximadamente um em cada quatro (um pouco mais no caso do PS) diz ainda não saber ou prefere não responder. Nestes três grupos, são residuais as proporções dos que afirmam que votarão noutra partido, que não votarão ou que optarão por votar em branco ou anular o voto.

		Intenção de voto nas próximas eleições legislativas (2025)*					Total (por linha)
		Mesmo partido que 2024	Outro partido	Não votará	Branco/ Nulo	Não sabe/não responde	
Resposta	sobre						
comportamento de	voto nas						
voto nas eleições	de 2024						
AD		65%	5%	3%	2%	25%	100%
PS		61%	7%	3%	0%	29%	100%
Chega		60%	5%	6%	4%	25%	100%

\*Devido a arredondamentos à unidade, a soma das percentagens pode ser diferente de 100%

Quanto aos que se abstiveram em 2024, um quarto declara que o voltará a fazer nas próximas eleições e dois em cada cinco dizem que não sabem ou recusam responder. Os restantes inquiridos que declararam não ter votado em 2024 ponderam votar desta vez na AD (14%), no PS (10%), no Chega (7%) ou noutra partido, em branco ou nulo (5%).

		Intenção de voto nas próximas eleições legislativas (2025)*					Total (por linha)
		AD	PS	Chega	Outro, Branco ou Nulo	Não votará	
Resposta	sobre						
comportamento	de voto nas						
de voto nas	eleições de 2024						
Não votou		14%	10%	7%	5%	26%	38%
							100%

\*Devido a arredondamentos à unidade, a soma das percentagens pode ser diferente de 100%

